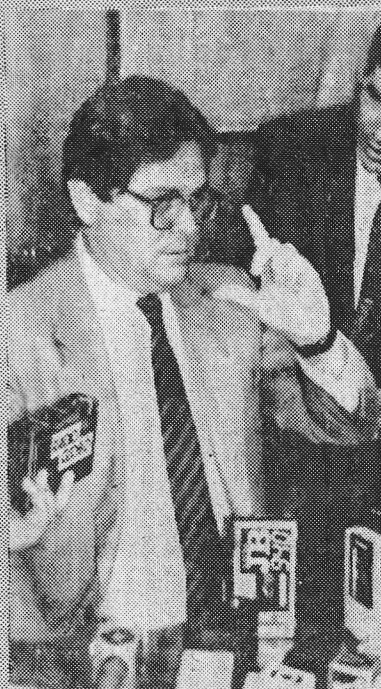


Choque exclui Mailson e Abreu

BRASÍLIA — Se o governo quiser dar um novo choque na economia, não contará com Mailson da Nóbrega e João Batista de Abreu para comandar a operação, garantem assessores muito próximos dos ministros da Fazenda e do Planejamento. Além de todas as considerações políticas e técnicas que desaconselham o choque, eles têm em comum um argumento profissional: não querem manchar seus currículos com o que acham que seria uma aventura de fim de governo, dizem os assessores.

"Estou muito velho para acreditar em Papai Noel", afirmou ontem o secretário-geral e ministro interino da Fazenda, Paulo César Ximenes, ironizando o nome que o deputado Delfim Netto (PDS-SP) deu ao suposto choque — plano Papai Noel, porque viria no fim do ano, depois da eleição presidencial. Delfim é uma das fontes que asseguram que o governo atual será obrigado a tomar alguma providência para cortar a alta da inflação, antes de



Aldair Silva/AE-27/7/89

Ximenes: "Não acredito em Papai Noel"

Passar o comando ao novo Presidente.

O ministro Saulo Ramos, da

Justiça, apontado pelas fontes como um dos defensores do choque dentro do governo, disse ontem que essa afirmação é inteiramente destituída de verdade. "É lamentável," Saulo acredita que a fonte que deu a notícia à Agência Estado tentou jogá-lo contra a área econômica do governo. "Não entendo de economia e quanto mais tento entender menos consigo", disse Saulo.

EXPECTATIVA

O ministro interino Paulo César Ximenes foi muito incisivo ao negar a preparação de um choque dentro do governo. "Quem faria um choque seriam os ministérios da Fazenda e do Planejamento, e esses ministérios não estão estudando um choque", afirmou.

Ximenes disse ainda que o governo não tem o direito de quebrar a expectativa com que a sociedade aguarda o novo presidente, que será eleito a 15 de

novembro. Ele espera que se repita no Brasil o que aconteceu com o governo Menem na Argentina, que conseguiu uma queda de 200% para 38% na inflação mensal, apenas com sua posse, antes mesmo que as medidas de emergência que adotou tivessem tempo para fazer efeito. E um novo choque, em final de governo, cortaria essa possibilidade, acredita Ximenes.

No Ministério da Fazenda há temores mais fortes ainda. O ministro Mailson da Nóbrega tem dito a auxiliares que um novo choque poderia ser o "gatilho" que dispararia a hiperinflação. Ele usa os exemplos dos três choques do governo Sarney: a cada novo "plano de estabilização", a inflação voltava mais depressa, e com mais ímpeto do que no choque anterior. O quarto choque poderia trazer a hiperinflação, teme Mailson.

Os dois ministros têm confessado a assessores que só ficam no governo para não passarem por oportunistas e desleais.